



SEÇÃO TEMÁTICA

Os evangelhos carnavalescos de Eagleton: quando o crítico literário leu a Bíblia e Bakhtin

Eagleton's carnivalesque Gospels: when the literary critic reads the Bible and Bakhtin

Francisco Benedito Leite*

Resumo: O presente ensaio propõe-se a descrever a hermenêutica que Terry Eagleton desenvolveu para ler os textos dos evangelhos canônicos. Para realizar esse propósito, repassamos o conteúdo de dois textos escritos pelo autor britânico, “Os Evangelhos” e “Humor”. Ao visitar esses dois escritos, abordamos as duas principais teorias adotadas por ele para interpretar os livros canônicos, a saber, o marxismo e o carnaval bakhtiniano. O resultado para o qual se aponta é um renovado procedimento de leitura da Bíblia.

Palavras-chave: Eagleton. Marxismo. Carnaval. Evangelhos. Jesus.

Abstract: The present essay proposes to describe the hermeneutics that Terry Eagleton developed to read the texts of the canonical gospels. To accomplish this purpose, we reviewed the content of two texts written by the British author, *The Gospels* and *Humor*. When visiting these two writings by the British scholar, we approach the two main theories adopted by him to interpret the canonical books, namely, Marxism and the Bakhtinian carnival. The result to which it aims is a renewed procedure of reading the Bible.

Keywords: Eagleton. Marxism. Carnival. Gospels. Jesus.

Introdução

Neste ensaio, apresentamos a interpretação que o crítico literário britânico Terence Francis Eagleton (Salford, 1943) – mais conhecido como Terry Eagleton – faz dos Evangelhos sinóticos e da personagem Jesus em dois textos de sua autoria: a breve apresentação aos quatro primeiros livros do Novo Testamento sugestivamente intitulada “Os Evangelhos” (2009) e sua obra publicada “Humor” (2020). Na perspectiva de leitura desse pensador nesta última obra em particular, destacam-se o marxismo e a teoria de Bakhtin, utilizadas por ele para propor uma hermenêutica para compreender os evangelhos canônicos. Além disso, o fato de Eagleton se declarar católico não pode passar despercebido.

Ao repassar as principais afirmações que Eagleton faz sobre Jesus e os evangelhos nesses dois livros, constatar-se-á uma interpretação original a respeito dos livros canônicos, pois, na construção teórica feita pelo estudioso britânico, combinam-se o elemento

* Doutor em Filologia e Língua Portuguesa (USP, São Paulo-SP). ORCID: 0000-0002-7295-6285. Contato: ethnosfran@hotmail.com

subversivo do marxismo e o elemento densamente simbólico do carnaval bakhtiniano. Essa leitura proporciona uma chave hermenêutica para uma leitura renovada dos textos do Novo Testamento.

Para realizar o que acabamos de descrever, faremos uma concisa apresentação do crítico literário e a menção da parte de sua obra que está relacionada com religião e teologia. Em segundo lugar está a apresentação de Jesus de acordo com a concepção marxista específica de Eagleton. Por fim, aprofundar-nos-emos na leitura que Eagleton faz dos Evangelhos e de sua concepção da teoria de Bakhtin, que proporciona uma chave hermenêutica de leitura bíblica.

Terry Eagleton, um pensador do nosso tempo

Terry Eagleton destacou-se como crítico literário, sobretudo, por seu livro “Teoria da Literatura” (2006), mas, além desta obra de referência, produziu muitas outras, boa parte, inclusive, traduzida para a língua portuguesa. Devido aos assuntos abordados, alguns desses livros seriam considerados por outros estudiosos como se estivessem apenas indiretamente relacionados com a crítica literária. No entanto, em sua concepção, por tratar-se de uma não disciplina, não há método característico para o estudo da teoria literária.

Seu entendimento desconstrutivista do método de estudo da literatura justifica-se com base na compreensão que ele desenvolveu a respeito da associação entre história da teoria literária moderna e a história política e ideológica do período em que vivemos. Na verdade, de acordo com isso, seria melhor dizer que ele compreende que a história da literatura é parte da história política e, por isto, toda teoria literária é política, ainda que não tenha a pretensão de sê-lo.

Como já afirmamos, Eagleton declara-se católico e marxista, e quem lê seus textos reconhece no cristianismo e no marxismo as principais influências sobre a relevante reflexão crítica que ele desenvolve a respeito do momento histórico em que vivemos, como podemos verificar ao ler “Depois da Teoria” (2016) e “As Ilusões do Pós Modernismo” (1998), e também em outros temas que compõem os complexos fenômenos da cultura humana na atual era.

Além dos temas que têm a ver com a filosofia vigente na época contemporânea, entre os assuntos que – como já dissemos – poderiam ser considerados indiretamente relacionados com a crítica literária estão religião e teologia. Em língua portuguesa, quanto à religião, temos traduzidas as obras “A Morte de Deus na Cultura” (2016) e “Debate sobre Deus” (2011), que correlacionam os assuntos religião e contemporaneidade – ambos os temas estão no escopo mais amplo de sua pesquisa.

No que diz respeito a uma interpretação que poderíamos chamar de “teológica”, temos “Os Evangelhos” (2009), que é uma apresentação erudita e original dos Evangelhos canônicos, e que contém uma leitura do Evangelho e uma análise de seu personagem principal na qual se ressaltam seus elementos intrinsecamente revolucionários. Vamos nos dedicar a compreender a visão que Eagleton tem do Evangelho e de Jesus Cristo nesse texto, assim como a continuidade desta perspectiva que aparece em outro livro de sua autoria, “Humor” (2020), no qual também há algo de religioso-teológico.

O Jesus de Eagleton

Os Evangelhos (2009), na verdade, não é um livro. É, antes, uma apresentação à tradução dos Evangelhos que Eagleton realizou – trata-se de um texto que, na edição traduzida para a língua portuguesa, tem apenas vinte e nove páginas. Apesar das dimensões reduzidas, a hermenêutica proposta por Eagleton é instigante e renovadora.

Por si, a abordagem marxista dos Evangelhos não é necessariamente uma ideia nova, uma vez que os teólogos da libertação estão acostumados a realizar interpretações marxistas dos Evangelhos há pelo menos quatro décadas. Não apenas na América Latina se faz esse tipo de leitura, mas, também, na Europa, onde talvez a mais conhecida seja a “Lectura Materialista del Evangelio de Marcos” (1975), escrita pelo filósofo e ex-padre português Fernando Belo; e nos Estados Unidos, onde, por exemplo, Richard A. Horsley (2004) tem uma sólida interpretação marxista não apenas dos Evangelhos, mas de todo o Novo Testamento.

No entanto, a leitura que Eagleton faz dos Evangelhos destaca-se por sua significativa profundidade teológica, proporcionada pela utilização de uma metodologia fundamentada em uma diversidade de conhecimentos das áreas do saber das humanidades, como vemos em sua compreensão do significado semiótico da eucaristia:

Antes de sua morte, Jesus deixa seu próprio corpo a seus seguidores para que seja consumido sacramentalmente (isso é, semioticamente, por meio de um signo), como um novo princípio de unidade com os outros, e não como um princípio de diferenciação” (Eagleton, 2009, p. 22).

Mas mesmo sem apelar ao aprofundamento simbólico dessa interpretação, mantendo a perspectiva de leitura restrita ao âmbito da sincronia do Evangelho, Eagleton oferece uma descrição do potencial subversivo de sua personagem principal:

Alguns aspectos da forma segundo a qual Jesus é retratado nesses textos têm uma óbvia ressonância radical. Ele é apresentado sem lar, sem propriedades, peripatético, socialmente marginal, desligado e mesmo desdenhoso de parentes e família, sem trabalho ou ocupação, amigo de excluídos ou párias, avesso a posses materiais, sem qualquer temor por sua própria segurança, enfim, um espinho no flanco do sistema e um açoitado para os ricos e poderosos (Eagleton, 2009, p. 26).

Como mostraremos, Eagleton continua a refletir sobre o elemento revolucionário presente nos Evangelhos. Mas faz isto diferentemente do que ocorre nas leituras marxistas tradicionais, que costumam ser historicistas – ao invés disso, o crítico britânico aponta para a subversão simbólica que aparece no carnaval bakhtiniano.

Os Evangelhos carnavalescos, de acordo com a leitura que Eagleton faz de Bakhtin

A mais recente contribuição relevante sobre o significado da comicidade na cultura a ser publicada foi o livro “Humor” (2020). O que nos chamou a atenção nesse texto é o fato de que, nele, tem lugar privilegiado o Novo Testamento, e o carnaval bakhtiniano aparece como subsídio de interpretação da cultura do mundo neotestamentário. Embora

mencione o Evangelho e a teoria bakhtiniana apenas no final de sua interpretação do significado do humor, o resultado da leitura realizada pelo crítico britânico representa uma significativa contribuição para a hermenêutica bíblica.

Como foi dito, muitas leituras marxistas já foram realizadas; no entanto, a de Eagleton é renovadora porque conta com a perspectiva bakhtiniana e se abstém do ressentimento que caracteriza as leituras libertacionistas. Do mesmo modo, a proposta de leitura do Novo Testamento que se faz em “Humor” (2020) eleva a comicidade ao nível da transcendência, diferenciando-o da frivolidade, que Bakhtin nomeia de “anedota burguesa” (2010a).

Em “Humor” são retomadas as principais noções que os estudiosos que se dedicaram a tratar da comicidade desenvolveram, tais como Henri Bergson em “O Riso” (1983) e Sigmund Freud em “O Chiste e sua relação com o Inconsciente” (2017). Apesar da menção a esses autores, é a teoria do carnaval desenvolvida por Bakhtin que tem especial importância para a proposta de compreensão do humor que Eagleton propõe em seu livro.

O carnaval e o efeito que ele proporciona – chamado por Bakhtin de “carnavalização” – são nomeadamente abordados pelo estudioso russo em sua obra “Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento” (2010a) e na segunda versão de seu livro “Problemas da Poética de Dostoiévski” (2010b). Tanto um quanto o outro conceito são a transposição do carnaval à cultura de um modo amplo e à literatura de um modo particular. Apesar dessa descrição sucinta do significado do carnaval e da carnavalização, a compreensão desses conceitos não deixa de ser polêmica entre os estudiosos.

Eagleton trata expressamente do carnaval bakhtiniano como uma manifestação do cômico. Em sua compreensão, a comicidade carnavalesca deve ser compreendida como uma eventualidade temporal. Eagleton aborda criticamente a concepção de estudiosos que idealizam a carnavalização, uma vez que, no carnaval histórico, manifesta-se também a violência e, por isto, entende que o carnaval bakhtiniano é mais bem entendido como fenômeno mítico ou como procedimento hermenêutico do que como evento histórico.

Também é interessante notar que o professor britânico entende o humor – assim como Bakhtin considera o carnaval – como uma trégua à dureza e à exaustão da fatídica existência humana. Isso pode ser verificado no seguinte excerto de “Humor”:

A construção da realidade social é um negócio cansativo que exige esforço prolongado, e o humor nos permite relaxar nossos músculos mentais. É como se, por baixo de nossas faculdades mais racionais, existisse um subtexto mais sombrio, desganhado e cínico que acompanha nosso comportamento social convencional em todos os momentos e que, ocasionalmente, emerge na forma de loucura, criminalidade, fantasias eróticas ou em exuberante jorro de espiritualidade (Eagleton, 2020, p. 23).

Ao mencionar “as faculdades racionais e seu subtexto mais sombrio”, Eagleton assume a concepção de que a faculdade humana do conhecimento, que se estrutura socialmente, é composta pela realidade suprema, a que se refere à vida cotidiana e seus lidares com instituições concretas, e por realidades que se manifestam temporariamente, das quais o humor faz parte, mas que também abarca outros subtextos como a religião, a fantasia etc.

No que diz respeito à relação entre o cômico e o Novo Testamento, Eagleton afirma o seguinte:

Como veremos, a comédia, no sentido metafísico do termo, reflete a quase mística garantia de que, a despeito das aparências em contrário, tudo está fundamentalmente bem com a humanidade. O Novo Testamento é um documento cômico nesse sentido, embora esteja consciente de que o preço de tal fé é assustadoramente alto. (Eagleton, 2020, p. 33).

Nesse excerto, Eagleton refere-se ao “metafísico” e, em seguida, menciona a comicidade que está presente no Novo Testamento. Não apenas isso, mas também considera que a manifestação dessa comicidade remete à fé, que é justamente o que proporciona a relação com o transcendente, de acordo com o que afirma.

Quanto à manifestação do efeito cômico no Novo Testamento, Eagleton declarou: “É verdade que o Jesus retratado no Novo Testamento dificilmente se destaca por seu senso de humor” (2020, p. 130), mas também afirma que “a comédia nem sempre é engraçada” (2020, p. 53). Sobre essas afirmações, podemos concluir, no mínimo, que uma afirmação relativiza a outra.

A diferença entre a comédia e o engraçado é fundamental para compreender o cômico no Novo Testamento. Repare, por exemplo, que o lugar comum da comédia, “o final feliz”, com frequência não é engraçado, mas é marca típica deste gênero específico. Assim, podemos observar que o Apocalipse canônico não provoca necessariamente o desejo de rir em seus leitores, mas é constituído por uma ironia intrínseca, de acordo com a qual, apesar das aparências, Deus está no controle de tudo e no final tudo dará certo para os justos (grupo no qual o leitor ideal se inclui).

O sociólogo Peter Berger, que também refletiu sobre o cômico no Novo Testamento, afirmou em “O Riso Redentor” (2017) que na Bíblia não há sequer uma menção direta ao fenômeno que ele nomeia em sua obra como “loucura sagrada” e que, no livro sagrado dos cristãos, só se encontra o riso cômico com muita dificuldade. Mesmo assim, sobre essa busca pela comicidade no Novo Testamento, deixa uma brecha sobre a possibilidade de encontrá-la:

De um modo geral, pode-se dizer, com alguma justiça, que a busca pelo riso cômico, na literatura bíblica, é bem-sucedida apenas quando envolve interpretações um tanto mais elaboradas. Na melhor das hipóteses, ele é implícito mais do que explícito (Berger, 2017, p. 331).

Mesmo sem explorar ideias pontuais e específicas, temos em Eagleton farto material que aponta para esse assunto, tanto no livro “Humor”, quanto em sua apresentação dos Evangelhos canônicos em “Os Evangelhos”. Nesses dois textos, o estudioso exemplarmente produziu uma interpretação bem elaborada que mostra a comicidade como elemento implícito no conteúdo do Novo Testamento – como Berger (2017) insinuou que seria necessário para compreendê-lo.

Vejamos uma das descrições que Eagleton faz do efeito da comicidade nos Evangelhos:

Jesus e seus camaradas plebeus não trabalham, são acusados de beber e comer demais, vagueiam descalços e malvestidos pelas margens da ordem social convencional e, como os espíritos livres do carnaval, não pensam no amanhã. Como uma paródia doentia do

salvador (a noção de um Messias crucificado teria parecido uma obscenidade moral para os judeus da antiguidade), Jesus entra em Jerusalém, o bastião do poder imperial romano, montado em um burro e, tendo sido abandonado por seus camaradas, é deixado para enfrentar uma morte ignóbil, reservada pelos romanos somente aos rebeldes políticos. E, no entanto, a folia da cruz se prova mais sábia que a sabedoria dos filósofos. O poder intimidador da Lei é vencido, os mansos herdaram a terra, o sublime se torna carne e sangue humanos, as verdades sagradas são ditas na língua simples dos pescadores e camponeses e a fraqueza se prova a única forma duradora de força (Eagleton, 2020, p. 130).

Curiosa, mas compreensível, é a comparação entre os apóstolos e os “espíritos livres do carnaval” feita por Eagleton. Assim como soa estranho, apesar de plausível de acordo com sua construção teórica, o fato de o estudioso ter chamado de “folia” o terrível evento da cruz. Como afirmou Berger (2017), somente uma leitura elaborada permite tais interpretações, que, todavia, se mostram plausíveis aos conhecedores da teoria do riso carnavalesco bakhtiniano e à sua incorporação na leitura que Eagleton faz dos evangelhos canônicos.

Parece que algumas das afirmações mais incisivas que Eagleton realiza sobre a comicidade dos Evangelhos já eram presumidas na apresentação dos textos canônicos que fizera anteriormente. Assim, lemos em “Os Evangelhos” (2009) a já recorrente associação entre a entrada de Jesus em Jerusalém (Cf. Mc 11.1-11; Mt 21.1-11; Lc 19.28-48) e o carnaval de rua, mas a descrição que Eagleton faz dessa passagem aponta para o elemento inebriador do carnaval de rua que levou as pessoas que viam Jesus em sua entrada em Jerusalém como um messias davídico, um tipo de messianidade que não lhe correspondia:

Algumas das pessoas comuns parecem ter saudado Jesus como seu rei durante sua carnavalesca entrada na cidade. Parecem tê-lo confundido com o Messias davídico, o guerreiro mítico que havia de reparar a sorte de Israel e confundir seus inimigos (Eagleton, 2009, p. 13).

Por trás do ledão engano que o carnaval de rua levou alguns a cometerem estava a irônica manifestação da verdade de que Jesus era o messias, apesar de o tê-lo de um tipo alternativo, que não correspondia àquele que associa messianidade à soberania militar. Nesse sentido, o messianismo de Jesus é antimessiânico:

O Messias (*Christós*, em grego) era encarado pelos judeus como uma figura da realeza, um guerreiro, enquanto a humildade satírica da entrada de Jesus em Jerusalém, sobre o lombo de um burro, pode ser entendida como um gesto antimessiânico, uma bofetada irônica em todas aquelas noções de soberania militar. Embora a ação fosse ambivalente, ela também realizava uma profecia do Antigo Testamento sobre a chegada do Rei de Israel (Eagleton, 2009, p. 18).

De acordo com isso, apesar de antimessiânica, a messianidade de Jesus fundamenta-se na Bíblia Hebraica, nas antigas tradições revolucionárias do povo de Israel, as quais estão ligadas à libertação do povo escravizado no Egito, ao favoritismo que o deus único concede aos pobres e à oposição aos poderosos:

Esse tema da inversão revolucionária é quase um clichê da teologia do Antigo Testamento. Jeová não pode ser personificado nem receber um nome, mas deve ser conhecido por quem é, quando vemos pobres exaltando e os ricos desapossados. O

tema de um vínculo próximo entre o sofrimento mais profundo e a mais alta exaltação é tradicional no judaísmo, assim como na tragédia ocidental. O verdadeiro poder flui na impotência, uma doutrina que a crucificação e a ressurreição de Jesus pretendem exemplificar (Eagleton, 2009, p. 23).

Abrir mão do messias poderoso é aceitar o poder que está na fraqueza, um absurdo *per se*, como menciona Eagleton:

Messias não nascem em estábulos. Jesus era uma pobre caricatura de Salvador. Nada sobre seu sofrimento e morte era apresentado como heroico. A ideia de um messias crucificado é oxímoro tão absurdo como a ideia de um tirano de bom coração. Um Messias fracassado constituiria uma novidade absoluta na tradição judaica – e também uma ideia grotescamente ofensiva. Os primeiros cristãos arriscavam seus pescoços por uma ideia que seus companheiros judeus haveriam de achar repulsiva e ultrajante, para além de qualquer limite (Eagleton, 2009, p. 18).

Eagleton não trata da entrada de Jesus em Jerusalém e de sua ocorrência carnavalesca como um fato concreto. Antes, a carnavalização deve ser compreendida como uma manifestação simbólica, que, diferentemente de um evento histórico, deve ser recebida como procedimento hermenêutico para a interpretação de elementos da cultura, dentre os quais está a literatura, embora não se aplique somente a ela. Mesmo que o carnaval seja considerado em sua manifestação simbólica, Eagleton reconhece Bakhtin como “[...] o maior dos filósofos modernos da comédia” (2020, p. 34). Por isso, o carnaval é uma visão de mundo fundamental para se conhecer o Evangelho, segundo o crítico literário britânico:

Como o carnaval, os evangelhos combinam a alegria da libertação com certa violência e intransigência de espírito. As imprecações de Jesus, dirigidas contra respeitáveis figuras religiosas que colocam fardos adicionais nas costas dos já extremamente oprimidos, são tão aterrorizantes quanto as de Rabelais, embora não tão divertidas. Também há um veio de *comédie noire* no cristianismo. Deus envia seu único filho para nos salvar de nosso infortúnio, e como demonstramos nossa gratidão? Nós o matamos! Isso foi uma demonstração consternadora de falta de bons modos (Eagleton, 2020, p. 131).

Exegetas tradicionais, como Vincent Taylor (1963) e Ched Meyers (1992), já tinham associado a entrada de Jesus em Jerusalém aos carnavais de rua há muito tempo. A diferença é que a partir da aplicação da teoria do carnaval de Bakhtin a essa narrativa, como foi feita por Eagleton, a leitura de textos como esse – da entrada de Jesus em Jerusalém – ganha contornos filosóficos e profundidade existencial, pois associa o carnaval ao transcendente, como Berger (2017) presumira.

Acrescente-se ainda que o carnaval não está na superfície no que diz respeito à estruturação hermenêutica do Novo Testamento; antes, ele deve ser visto em sua essência. De acordo com Eagleton: “O *bathos* carnavalesco jaz no âmago do cristianismo, uma vez que a assombrosa questão da salvação desce à terra na forma da ocupação banal de cuidar dos doentes e alimentar os famintos” (2020, p. 130).

Considerações finais

Ao revisarmos os dois textos que Eagleton escreveu sobre Jesus e os Evangelhos, verificamos a existência do desenvolvimento e aprofundamento de uma teoria interpretativa

que o crítico literário britânico fez destas obras canônicas e de sua personagem principal. Consta-se uma renovada possibilidade hermenêutica de acesso aos textos do Novo Testamento e quicá da Bíblia Hebraica.

Apesar da aplicação da leitura marxista aos textos sagrados dos cristãos não ser novidade, o modo como Eagleton a realiza proporciona significativo desenvolvimento para a hermenêutica bíblica, uma vez que o elemento revolucionário tipicamente marxista é combinado com simbolismo do carnaval bakhtiniano e, assim, diferencia-se de certas interpretações sociológicas-marxistas estereotipadas que foram desenvolvidas e aplicadas ao Novo Testamento no passado e ainda são no presente.

O potencial simbólico das teorias do marxismo e do carnaval bakhtiniano primam pela aplicação aos textos religiosos por suas qualidades teórico-filosóficas inerentes, como têm apontado os estudos de Eagleton e, em sua continuidade direta ou indireta, outros subsídios de leitura emergentes que precisam ser mais bem explorados pelos biblistas contemporâneos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010 a.

BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da Poética de Dostoievski*. 5 ed. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 b.

BELO, Fernando. *Lectura materialista del Evangelio de Marcos*. Trad. J. Azcona e F. Sayés. Estrella: Editorial Verbo Divino, 1975.

BERGER, Peter L. *O Riso Redentor: A dimensão cômica da experiência humana*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

EAGLETON, Terry. *A Morte de Deus na Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016

EAGLETON, Terry. *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

EAGLETON, Terry. *Debate sobre Deus. Razão: Fé e Revolução*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

EAGLETON, Terry. *Depois da Teoria: Um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

EAGLETON, Terry. *Humor: O papel fundamental do riso na cultura*. Alessandra Bonruquer Rio de Janeiro: Record, 2020.

EAGLETON, Terry. Os Evangelhos. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: Uma introdução. 6. ed. Col. Biblioteca Universal. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREUD, Sigmund. O Chiste e sua relação com o Inconsciente. Trad. Fernando Costa Matos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HORSLEY, Richard A. Jesus e o Império: O reino de Deus e a nova desordem mundial. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.

MEYERS, Ched. O Evangelho de Marcos. Coleção: Grandes Comentários. São Paulo: Paulinas, 1992.

TAYLOR, Vincent. The Gospel According to St. Mark. New York: St. Martin's, 1963.

Editor responsável: Alfredo Teixeira

Recebido: 8 out. 2022

Aprovado: 17 mar. 2023